



XX SEMANA ACADÊMICA

DO PPG EM FILOSOFIA DA PUCRS

VOLUME 1

BIOPOLÍTICA | FILOSOFIA ANTIGA
ESTÉTICA | FILOSOFIA DA ARTE

Orgs. Cássia Zimmermann Fiedler | Christian Conce
Emerson Pirola | Pedro Antônio G. De Araujo

**A XX SEMANA ACADÊMICA DO PPG EM FILOSOFIA
OCORREU ENTRE OS DIAS 21 E 23 DE OUTUBRO DE 2020.**

Houve cinco palestras principais e um lançamento de livro. Contou, também, com 105 apresentações das pesquisas realizadas por discentes da graduação e da pós-graduação, distribuídas em 26 mesas de comunicações durante os três dias de evento. Os quatro volumes são compostos por trabalhos apresentados pelos discentes nas mesas de comunicações da Semana Acadêmica e estão organizados por seções temáticas da seguinte maneira:

VOLUME 1

Biopolítica
Filosofia Antiga
Estética
Filosofia da Arte

VOLUME 2

Rawls
Filosofia Analítica
Kant
Hegel
Marx e Marxismos

VOLUME 3

Filosofia Moderna
Metafísica e Ontologia
Fenomenologia e Hermenêutica

VOLUME 4

Filosofia Política
Filosofia da Ecologia
Nietzsche
Filosofia Medieval



XX Semana Acadêmica do PPG em Filosofia da PUCRS
Vol. 1

Conselho Editorial

Editor

Agemir Bavaresco

Conselho Científico

Agemir Bavaresco

Evandro Pontel

Jair Inácio Tauchen

Nuno Pereira Castanheira

Conselho Editorial

Draiton Gonzaga de Souza

Evandro Pontel

Everton Miguel Maciel

Fabián Ludueña Romandini

Fabio Caprio Leite de Castro

Gabriela Lafetá

Ingo Wolfgang Sarlet

Isis Hochmann de Freitas

Jardel de Carvalho Costa

Jair Inácio Tauchen

Joaquim Clotet

Jozivan Guedes

Lucio Alvaro Marques

Nelson Costa Fossatti

Norman Roland Madarasz

Nythamar de Oliveira

Orci Paulino Bretanha Teixeira

Oneide Perius

Raimundo Rajobac

Ricardo Timm de Souza

Rosemary Sadami Arai Shinkai

Rosalvo Schütz

XX Semana Acadêmica do PPG em Filosofia da PUCRS

Vol. 1

(Organizadores)

Cássia Zimmermann Fiedler

Christian Conce

Émerson Pirola

Pedro Antônio G. de Araujo



Editora Fundação Fênix

Porto Alegre, 2020

XX Semana Acadêmica do PPG em Filosofia da PUCRS

Comissão Organizadora

Matheus Hein Souza, Cássia Zimmermann Fiedler

Daniel Santos, Felipe Fortes

Comissão Científica

Matheus Hein, Cássia Zimmermann Fiedler, Daniel Santos,
Felipe Fortes, Fernando Silva e Silva, Claiton Costa,
Eduardo Alves, Vinícius Posselt, Darlan Lorenzetti,
Giovanna Pozzer, Gustavo Oliva de Oliveira, Émerson Pirola,
Christian Conce, Valentinne Serpa, Pedro Antônio G. de Araujo

Direção editorial: Agemir Bavaresco
Diagramação: Editora Fundação Fênix
Capa: Giovanna Pozzer

O padrão ortográfico, o sistema de citações, as referências bibliográficas, o conteúdo e a revisão de cada capítulo são de inteira responsabilidade de seu respectivo autor.

Todas as obras publicadas pela Editora Fundação Fênix estão sob os direitos da Creative Commons 4.0 –

[Http://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR](http://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR)



Série Filosofia – 38

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

FIEDLER, Cássia Zimmermann; CONCE, Christian; PIROLA, Émerson; Araujo, Pedro Antônio G. de (Orgs).

XX Semana Acadêmica do PPG em Filosofia da PUCRS, Vol. 1 FIEDLER, Cássia Zimmermann; CONCE, Christian; PIROLA, Émerson; ARAUJO, Pedro Antônio G de (Orgs). Porto Alegre, RS: Editora Fundação Fênix, 2020.

330p.

ISBN – 978-65-87424-41-5



<https://doi.org/10.36592/9786587424415>

Disponível em: <https://www.fundarfenix.com.br>

CDD-100

1. Biopolítica, 2. Filosofia Antiga, 3. Estética e Filosofia da Arte.

Índice para catálogo sistemático – Filosofia e disciplinas relacionadas – 100

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO

Cassia Zimmerman Fiedler et.al 13

BIOPOLÍTICA 15

1. O ESTADO DE EXCEÇÃO DE AGAMBEN NO BOLSONARISMO: COMO AS POLÍTICAS DE SAÚDE PÚBLICA CONTRIBUEM PARA EXPLICITAR UM MODO BOLSONARISTA DE ESTADO DE EXCEÇÃO

Gabriela de Abreu Oliveira; Cristian Marques 17

2. FOUCAULT E O GIP: O PROBLEMA DA REPRESENTAÇÃO E OS LIMITES DA ATUAÇÃO DO INTELLECTUAL

David Inácio Nascimento 35

3. A REFLEXÃO DE PIERRE BOURDIEU A RESPEITO DA AUTONOMIA INTELLECTUAL

Olga Nancy P. Cortés..... 55

4. OS CONCEITOS DE "HOMO POLITICUS", "HOMO ECONOMICUS" E "CIDADANIA SACRIFICIAL" NA OBRA DE WENDY BROWN

Matheus Hein Souza 65

5. UM ENSAIO SOBRE BIOPODER E BIOPOLÍTICA EM ANTONIO NEGRI

Cássia Zimmermann Fiedler 81

6. FILOSOFIA, POLÍTICA, DIREITO E AS PESSOAS EM SITUAÇÃO DE RUA EM TEMPOS DE PANDEMIA

Antonio Matheus Sardinha Santos 97

7. MICHEL FOUCAULT E A LEITURA FILOSÓFICA: CONSTITUINDO FERRAMENTAS DE RESISTÊNCIA AO PODER

Giovani do Carmo Júnior 111

FILOSOFIA ANTIGA	127
8. A CRÍTICA DE CÍCERO À RETÓRICA ESTOICA	
<i>Diogo da Luz</i>	129
9. A FALÁCIA NATURALISTA E RESPOSTAS ARISTOTÉLICO-TOMISTAS: INEXISTÊNCIA OU INEFICÁCIA?	
<i>Ian Silveira Pompeu</i>	141
10. INDEPENDÊNCIA ENTRE DEFINIR E DEMONSTRAR NOS <i>SEGUNDOS ANALÍTICOS</i> DE ARISTÓTELES	
<i>Mariane Farias de Oliveira</i>	155
11. A RECEPÇÃO DO TEMPO DO LIVRO XI DAS <i>CONFISSÕES</i> DE AGOSTINHO POR HANNAH ARENDT	
<i>João Francisco Cortes Bustamante</i>	171
12. CONSIDERAÇÕES SOBRE A MORTE EM ORÍGENES: ESCATOLOGIA E ESPERANÇA	
<i>Rodiny Junior</i>	181
13. DA FILOSOFIA À LITERATURA: COMO FILÓSTRATO E LUCIANO INAUGURAM A SEGUNDA SOFÍSTICA	
<i>David dos Santos Fraga</i>	195
14. PIERRE HADOT E A FILOSOFIA ANTIGA ENTRE A ORALIDADE E A SABEDORIA	
<i>Mateus Rodrigues Dos Santos</i>	213
ESTÉTICA E FILOSOFIA DA ARTE	225
15. SUBJETIVIDADE E OBJETIVIDADE NO <i>WILHELM MEISTER</i> DE GOETHE	
<i>Renato Costa Leandro</i>	227
16. O "HOMERO" DE PAUL RICOEUR: UMA REFLEXÃO A PARTIR DE "O ÚNICO E O SINGULAR"	
<i>Thiago Luiz de Sousa; Luiza Vieira Godinho</i>	245

17. A IMAGEM SUBVERSIVA DE GEORGES BATAILLE: UMA (ANTI)TEORIA ESTÉTICA DO INFORME

Pedro Antônio Gregorio de Araujo255

18. LAMPEJOS NA *HORRIBLE NOCHE*: APONTAMENTOS INICIAIS PARA UM ESTUDO DA POESIA DE EMILIA AYARZA E CONCEIÇÃO EVARISTO

Ángela María Cuartas Villalobos..... 269

19. O ESTILO COMO FUNDAMENTO ÉTICO-POLÍTICO PARA DEFINIÇÃO DE ARTE

Guilherme Reolon de Oliveira277

20. A CONCEPÇÃO DE LEI NATURAL EM C. S. LEWIS: EM BUSCA DAS CHAVES PARA A COMPREENSÃO DO SENTIDO DO UNIVERSO

Wilson Coimbra Lemke 289

21. DWELLING IN ‘A HIDDEN LIFE’: HEIDEGGER’S CONCEPT OF THE FOURFOLD IN MALICK’S FILM

Daniel Peres Santos 303

22. O *UNHEIMLICHE* NA ESTÉTICA: APROXIMAÇÕES ENTRE THEODOR ADORNO E SIGMUND FREUD

Luiz Barbieri 317

8. A CRÍTICA DE CÍCERO À RETÓRICA ESTOICA



<https://doi.org/10.36592/9786587424415-8>

Diogo da Luz¹

Resumo

Neste texto será analisada a crítica de Cícero à retórica dos estoicos. Primeiramente é feita uma exposição da retórica estoica de acordo com os testemunhos que nos chegaram. Em seguida, são mencionadas as críticas de Cícero aos estoicos. Após isso, é argumentado que as críticas ciceronianas ocorrem em função de sua retórica ter um objetivo diferente da retórica estoica. Em vista disso, torna-se relevante perceber que os estoicos tinham motivos para se oporem à crítica de Cícero.

Palavras-chave: Cícero. Estoicos. Retórica. Dialética.

1 Considerações iniciais

O filósofo, orador e advogado Marco Túlio Cícero é uma das principais referências para se entender a filosofia do período helenístico. Muito do que se conhece hoje das escolas cétricas, epicuristas e estoicas deve-se aos seus livros. Com textos expositivos e críticos, o romano analisa diversos detalhes dessas escolas ao mesmo tempo em que se posiciona sobre elas, garantindo à sua obra uma perspicácia intelectual digna de nota. Sendo assim, Cícero frequentemente serve de referência para quem quer conhecer a filosofia de sua época. Dado o escasso material literário que nos restou desse período, testemunhos como os de Cícero muitas vezes dão a linha de interpretação do que seriam as abordagens filosóficas de sua época.

Por outro lado, a despeito da grande relevância das exposições ciceronianas, não é necessário nem recomendável pautar as doutrinas das escolas citadas *apenas* pelos testemunhos de Cícero. Apesar de ser cauteloso e de demonstrar grande honestidade intelectual, ele muitas vezes elabora críticas que ficam sem o devido contraponto. Ao nosso ver, esse parece ser o caso do tema em questão, a saber, a retórica estoica. Embora Cícero contextualize a retórica dos estoicos com algumas informações e exemplos, ele não aborda certos detalhes que podem ser encontrados em outras obras e testemunhos. Por isso, pretendemos, com este artigo, explorar as críticas de Cícero

¹ Doutorando em Filosofia – PUCRS. Bolsista da CAPES/PROEX. E-mail: diogoftcons@hotmail.com.

aos estoicos sob a luz de um maior entendimento do que é a retórica estoica e qual a sua finalidade.

2 A retórica estoica

De acordo com Atherton (1988, p. 424), as raízes da retórica estoica podem ser encontradas nas obras de Platão. Inspirados nos diálogos, os estoicos defendem um orador com conhecimento, que é justo e que quer apenas fazer com que seus concidadãos sejam melhores. Nesse caso, não faz sentido aos estoicos procurar formas de persuasão em estratégias retóricas que apelem a algo diferente do bom discernimento da questão². O intuito deles é que o orador fale bem, sempre em vista de algo correto e justo, utilizando-se da retórica para ajustar o discurso, de modo a falar retamente e a evidenciar a verdade (cf. QUINTILIANO. *Institutio Oratoria*, I 15, 34). Sendo assim, embora haja uma retórica estoica, e ela seja considerada uma ciência (*epistéme*) (cf. DIÓGENES LAÉRCIO, VII, 42), seu objetivo não é alcançar o mero convencimento do público, mas fazer um bom uso do *lógos* - sendo este entendido como discurso e razão - de maneira a englobar todo o necessário à boa argumentação.

Os estoicos não utilizam adornos discursivos em sua retórica, preferindo um discurso mais limpo e franco. Para eles, há cinco virtudes em todo discurso: helenismo (*hellenismós*), clareza (*saphéneia*), concisão (*syntomía*), propriedade ou adequação ao tema (*prépon*) e distinção (*kataskheúe*). Os estoicos estabelecem também dois tipos de vícios, o barbarismo (*barbarismós*) e o solecismo (*solokismós*). Diógenes Laércio (VII, 59) descreve o significado de cada um deles:

Helenismo é a expressão impecável, em sua construção culta, e não em um uso coloquial ou vulgar. A clareza está na expressão inteligente o que se pensa. Concisão é a expressão que abarca apenas o necessário para a revelação de seu assunto. A propriedade consiste na expressão adequada e natural ao objeto. A distinção dá-se na expressão que evita a vulgaridade. Dentre os vícios do discurso está o barbarismo, que é a expressão contrária aos gregos de boa reputação, e o solecismo, que é um discurso com incoerência sintática.

² Neste capítulo, não se tem por objetivo tratar dos elementos retóricos utilizados pelos estoicos mais tardios. É sabido, por exemplo, que Sêneca faz transparecer sua educação retórica em seus textos. Para mais sobre Sêneca, ver Reale (1994, p. lxxiii-lxxv).

Conforme observa González (2011, p. 172-175), helenismo, clareza e distinção são virtudes próprias ao que a retórica clássica descreve como *estilo simples ou plano*. Segundo Cícero, o estilo simples não envolve falar coisas para agradar a plateia ou manipular suas paixões, mas é um discurso sóbrio que visa estabelecer uma boa argumentação instrutiva. Já as outras duas virtudes, *propriedade* (ou adequação) e *concisão* são caracteristicamente estoicas. A *propriedade* refere-se ao que é adequado ao discurso, que é o assunto ou objeto em questão: é o assunto que estabelece o que deve ser dito e a forma a ser dita, não o auditório e suas circunstâncias (cf. CÍCERO. *De finibus*, III, 19). Nisso os estoicos *se diferenciam da retórica clássica*, uma vez que esta última caracteriza a *propriedade* como a adequação ao público, que em Cícero está ligada à ideia do decoro (*decorum*): “o decoro ciceroniano sem dúvida alguma tem muito a ver com a preocupação sofista pelo *kairos*: o sentido de oportunidade que faz com que o orador saiba quais coisas dizer, como dizer, a quem dizer e em que momento preciso” (GONZÁLEZ, 2011, p. 176).

A *concisão*, por sua vez, é provavelmente a virtude mais evidente do discurso estoico. Por meio da concisão, os estoicos recusam o que outros colocariam como uma virtude do discurso: o ornamento (cf. CÍCERO. *De Oratore*, 24, 79). O discurso conciso é transparente, sem adornos, atém-se apenas ao necessário. Além disso, a concisão parece estar de acordo com a ênfase que Zenão atribuía à brevidade na argumentação (cf. ATHERTON, 1988, p. 412). Nesse caso, vale a pena citar a interpretação de M. Schofield (1983, p. 56) quanto a essa brevidade³:

(...) se você quer que um argumento seja o mais seguro e forte possível, então você deve mantê-lo o mais curto possível. Segurança e força são, ao menos caracteristicamente, os tipos de virtudes argumentativas procuradas por filósofos dispostos a tornar seus argumentos probatórios.

Portanto, os estoicos não consideram bons os discursos que se propõem a floreios e digressões que tornam a fala longa e excessiva. Eles buscam expressar o que é importante para a compreensão dos fatos, distanciando-se das estratégias que apelam a pompas ou subterfúgios argumentativos.

³ Atherton (1988, p. 412) também cita esse trecho em seu artigo. De fato, isso parece evidenciar muito bem o que Zenão tinha em mente.

Segundo Diógenes Laércio (VII, 42), a retórica estoica se estabelece em três formatos: o deliberativo (político), o forense e o encomiástico (discurso solene). Essa classificação é conservadora, uma vez que segue o padrão da classificação clássica, como bem notou Gourinat (2000, p. 45). Quanto às características constituintes da retórica, os estoicos distinguiram entre invenção/descobrimto (*heúresis*), enunciação (*phrásis*), organização ou arranjo (*táxis*) e representação (*hypókrisis*). E quanto às partes do discurso retórico, igualmente tradicional é a divisão em proêmio (*prooímion*), exposição (*diégesis*), refutação das partes contrárias (*pròs toùs antidíkous*) e epílogo (*epílogos*) (DIÓGENES LAÉRCIO, VII, 4).

De acordo com Cícero (*De Oratore*, III, XVIII, 65), os estoicos não apenas consideram a retórica uma ciência, mas também uma virtude. Esse último aspecto é importante, pois eles defendem que as virtudes estão todas unidas, sendo impossível possuir algumas virtudes e outras não (Cf. *S.V.F.*⁴ III, 280). Sendo assim, eles consideram que a realização da boa retórica está atrelada a outras virtudes (Cf. QUINTILIANO. *Institutio Oratoria*, I, 15, 34). Nesse caso, não basta apenas o estudo das formas, das distinções e dos detalhes do discurso, mas é preciso também que a própria pessoa seja virtuosa nos demais âmbitos da vida para que sua retórica seja excelente. Podemos resgatar o exemplo do estoico Catão, cuja retórica marcante está aliada à sua famosa correção de intenções e de conduta (cf. PLUTARCO, 2010, p. 85-167).

O estoicismo é uma corrente filosófica que se atém ao aprimoramento do indivíduo como um todo, que considera estar holisticamente conectadas as mais diversas facetas do ser humano (cf. GILL, 2006, p. 33-34). Em vista disso, eles não veem sentido em uma metodologia que se volta exclusivamente à ciência da retórica e que ignora o aperfeiçoamento em outros aspectos. Crisipo, por exemplo, não entende nem como necessariamente indispensáveis à boa retórica a clareza e o helenismo, pois estes muitas vezes têm sua importância diminuída (cf. CRISIPO DE SOLOS, fr. 40). Além disso, a apropriação correta do assunto, a saber, o seu conhecimento, proporciona condições para uma expressão mais natural e direta. Como disse Catão: “apodera-te do assunto, as palavras seguirão” (IULIUS VICTOR. *Ars Rhetorica*, I, 17).

⁴ *Stoicorum Veterum Fragmenta*.

3 A crítica de Cícero aos estoicos

No *De Oratore* (II, 157-160), Cícero critica o estilo estoico, definindo-o como obscuro, escasso e sem espírito. Ele não considera que os estoicos possam ser de algum auxílio para quem quer falar bem, pois eles atribuem grande relevância à dialética que, segundo Cícero, não contribui para o descobrimento da verdade, mas somente para testá-la. Por apostarem na dialética, os estoicos se perdem em pormenores lógicos e até mesmo se espetam nas próprias farpas, criando dificuldades para si mesmos.

Por privilegiar a substância à forma, os estoicos foram considerados pouco persuasivos nas assembleias. Cícero combate a austeridade e a brevidade estoicas apesar de elas serem, por outro lado, atraentes a uma elite cultural romana por representar um tipo natural e direto de expressão (cf. STROUP, 2007, p. 27).

Cícero, por sua vez, aposta em uma retórica mais rebuscada, apelando a metódicas estratégias de convencimento, à manipulação emocional e ao cuidado com o *ethos* de seus ouvintes. Um exemplo, nesse sentido, é a diferença entre Cícero e Crisipo quanto à parte final do discurso, o epílogo: enquanto para Crisipo - assim como para Platão - a função do epílogo “é dar um resumo de cada coisa ao final para recordar o que foi dito aos que escutam” (*S.V.F.* II, 286), para Cícero (*De Inventione*, I, 98, 52-53) a recapitulação é apenas uma das três partes do epílogo, estando inclusas nesta também a indignação (*indignatio*) e a compaixão. Nessas duas últimas, ausentes na proposta estoica, ocorre respectivamente a agressão ao adversário e o elogio a si mesmo. Além disso, a conclusão é realizada de forma enérgica, de modo a mexer com as emoções do auditório.

Em relação à invenção de argumentos, Cícero diz que os estoicos não ensinam a descobrir o que dizer mas, pelo contrário, eles impedem a descoberta. Diz Cícero (*De Oratore*, II, 159):

Em relação a isso, então, aquele eminente estoico não é de nenhuma ajuda para nós, já que ele não me ensina a descobrir o que dizer; e ele realmente me impede, encontrando muitas dificuldades que ele proclama muito insolúveis, e introduzindo uma espécie de expressão que não é lúcida, abundante e fluente, mas escassa, sem espírito, estreita e insignificante; e se algum homem recomendar esse estilo, será apenas com a avaliação de que não é adequado para um orador. Nossa oratória deve ser adaptada aos ouvidos da multidão, para encantar ou instar suas

mentes a aprovar propostas que são pesadas não na balança de um ourives, mas no que eu posso chamar de escalas comuns.

Para descobrir o que dizer em um discurso retórico, Cícero segue o caminho trilhado por Aristóteles, o qual ele elogia, realizando um estudo de cada *tópos* (*locus*) retórico, que nada mais é do que a sede dos argumentos (*argumentorum sedes*), sendo a *tópica* a arte de encontrar argumentos. O romano critica os estoicos nesse quesito, afirmando que eles abandonaram essa arte, uma vez que se restringiram somente à ciência do juízo, chamada por eles de dialética. Para Cícero (*Topica*, 6-8), a *tópica* é mais importante que a análise do juízo, devendo ser colocada em primeiro lugar, sendo ela também denominada “arte de invenção” (*inventio*).

Conforme assinala Nuñez (1997, p. 14), a *inventio* é o “estudo dos vários tipos de causas e dos argumentos que devem ser usados em cada ocasião”, “é a obtenção e a preparação dos argumentos adequados aos diferentes tipos de causas” (NUÑEZ, 1997, p. 24). A causa, nesse sentido, refere-se à *constitutio* (ou *status*) da questão em debate, à situação de disputa, que em grego se traduz por *stasis*⁵. Por isso, a *inventio* é a arte de encontrar argumentos nos diversos tipos de questões, é o que propicia ao orador identificar o *status* de uma causa e extrair argumentos a partir de “lugares” (*loci*) apropriados. Por exemplo: uma controvérsia referente a um assassinato possui o *status* de *conjectural*, pois se refere a um *fato* (cf. CÍCERO. *De Inventione*, I, 10-11), e um argumento para a defesa do acusado de cometer tal crime pode ser encontrado no *locus* da *enumeração*. Como exemplifica Cícero (*De Inventione*, I, 45):

O acusado deve tê-lo assassinado por inimizade, por medo, por esperança ou por favorecer algum amigo; se não foi por nenhum desses motivos, não foi ele o assassino, pois não se comete um crime sem razão. Se é verdade que não existia inimizade entre eles, nem nada a temer, nem esperança de obter algum benefício com sua morte, nem essa morte interessava a nenhum de seus amigos, devemos concluir, portanto, que o acusado não o matou.

Quanto à eloquência, segundo Cícero, esta advém de outras estratégias retóricas,

⁵ Como diz Atherton (1988, p. 393 [nota 4]): “A *stasis* (ou *status* [ou *constitutio*]) de um caso, grosseiramente falando, é a questão que se torna, o ponto que, se decidido, determinará o resultado de todo o caso. Ou conforme relata Cícero (*De Inventione* I, 10): “A *constitutio* é o primeiro conflito que se produz ao rechaçar a acusação. Por exemplo: ‘fizeste isso’, ‘não o fizeste’ ou ‘tinha direito a fazê-lo’”.

como, por exemplo, do uso dos argumentos nos *momentos certos*, nas partes corretas do discurso, etc. Nesse caso, o romano se distancia da proposta estoica defendida por Catão de se preocupar mais com o domínio do assunto, mais com a substância do que com a forma.

Por outro lado, ainda que Cícero se ocupe com a forma do discurso, não se pode dizer que ele deixa de lado a relevância do conteúdo. O romano não critica os estoicos por esse aspecto, pois reconhece neles uma profundidade de espírito causada pela competência filosófica. Na verdade, o que ele almeja é justamente a união de dois mundos: o da oratória e o da filosofia. Diferentemente de Platão, Cícero entende ser relevante a combinação de filosofia e retórica, pois dessa maneira é possível aos oradores contribuir para a qualificação dos assuntos públicos, abrindo espaço para a inserção da filosofia nos debates políticos, jurídicos e outros âmbitos relevantes para a cidadania⁶. Além do mais, a filosofia também serve para dar conteúdo e boa formação aos oradores. Ao fazer isso, Cícero atribui grande importância à figura do orador para a formação do homem público romano (NUÑEZ, 1997, p. 25-26), atribuição esta que se tornou famosa e certamente foi marcante para a história de Roma.

A filosofia (*sapientia*), como foi observado, é um componente importante para a formação do orador, uma vez que muito contribui para a eloquência. Nesse sentido, Cícero propõe um termo à disputa que ocorria entre retóricos e filósofos, apresentando como solução para o orador a união entre esses dois mundos. Essa cisão entre retórica e filosofia, que se tornou célebre em Platão (cf. PINTO, 2010, p. 81-82), é criticada por Cícero, visto que, segundo o romano, isso gera menos poder de convencimento ao próprio conteúdo filosófico. Em vista disso, Cícero traz a filosofia grega para o modo de vida romano, mais afeito à busca da eloquência política por meio de discursos imponentes e solenes (cf. AUVRAY-ASSAYAS, 2018, p. 58-62).

Por outro lado, apesar de Cícero ter considerado o discurso estoico pouco eloquente, preferindo e elogiando a contribuição aristotélica, é importante notar que o romano foi além da proposta de Aristóteles: embora o estagirita tenha se ocupado com tema das paixões em sua *Retórica*, sua ênfase ainda se manteve na estrutura dos argumentos. Cícero, por sua vez, preferiu fazer o inverso: dedicou-se mais ao que

⁶ “(...) o interesse da cidade não é a filosofia e a eloquência separadas, mas a união de ambas (CICERO. *De Inventione*, I, 1, 1 e 4,5).

deriva da autorrepresentação do orador e das paixões despertadas no público do que às provas oriundas dos argumentos (cf. FREITAS, 2017, p. 113-114).

4 De volta aos estoicos

Para Cícero (*De Oratore*, I, LIII 228-LV 233), um caso emblemático que evidencia o problema da retórica da *Stoa* foi a condenação do estoico Públio Rútílio Rufo. Rufo recusou-se a fazer apelos passionais e abdicou de qualquer ornamento em seu discurso de defesa, restringindo-se à pura verdade que o assunto permitia. Esse caso é interessante por possuir semelhanças com o modo como Sócrates realizou sua defesa, conforme descrito por Platão na *Apologia*. Sócrates não fez um discurso engenhoso ou belo, mas solicitou aos juízes que ignorassem a forma como ele iria se expressar e atentassem apenas à análise da questão (cf. MAY, 2002, p. 64). O ateniense rejeitou as estratégias da oratória convencional e demonstrou grande habilidade dialética.

Assim como Sócrates não foi suficientemente persuasivo em sua defesa, pode-se dizer que o mesmo ocorreu com Rútílio Rufo. Para Cícero (*De Oratore*, I, 230), Rufo foi um ótimo ser humano, mas infelizmente não obteve absolvição justamente em razão de sua insistência estoica em não se preocupar com a abundância no discurso e em não apelar a estratégias de manipulação emotiva. Ao afirmar isso, Cícero quis demonstrar que a retórica estoica possui pouco poder de persuasão ao público.

De acordo com Atherton (1988, p. 34-36), a dialética socrática não é canalizada para discursos políticos ou para um grande público, mas para encontros filosóficos um a um. Já os estoicos buscaram fornecer um modelo de discurso que abarca tanto o âmbito público quanto o privado, visto que o filósofo estoico não possui uma linguagem pública e outra privada. Em vista disso, sustenta Atherton, a retórica estoica, subsidiada pela análise de juízos de sua dialética, pode até se mostrar mais precisa, porém é menos convincente a um público plural. Além do mais, e não menos importante, Atherton argumenta que, pelos estoicos considerarem a retórica uma virtude, eles acabam por desconsiderar o êxito público do discurso, uma vez que a virtude é uma questão de êxito privado. Ao vislumbrar no bem falar uma virtude, os estoicos eliminam os critérios públicos de sucesso e fracasso.

Por outro lado, sabe-se, como já visto, que não é o caso que os estoicos apenas trazem elementos da dialética para a elaboração do discurso retórico. Apesar da influência socrática, há também no estoicismo um estudo específico da retórica. Não se pode afirmar que os estoicos simplesmente ignoram formas de organizar o discurso de maneira a ser melhor compreendido pelo público. O que eles fazem, na verdade, é dedicar-se não às particularidades de seu público, mas àquilo que é comum entre o orador e *qualquer* público: a razão. Levando em conta a condição humana de lidar com juízos, os estoicos instauram uma retórica clara, de maneira a deixar as questões evidentes. Para o estoicismo, assim como para Sócrates, o mal só se faz mediante erro, visto que ninguém escolhe o mal porque quer, mas porque se equivocou. Inclusive as paixões (que são emoções negativas para os estoicos) ocorrem mediante juízos, pois elas são frutos de opiniões, de uma visão do mundo, das coisas ou das pessoas (cf. DIÓGENES LAÉRCIO, VII, 110-116). Por isso, também não é o caso que eles desconsideram a reação emocional do público mediante o discurso: na verdade, os estoicos sabem que podem suscitar diversas reações emocionais, pois elas estão atreladas às opiniões que os ouvintes possuem. Na medida em que o discurso se desenvolve, os juízos dos ouvintes são postos à prova, podendo desencadear reações passionais particulares, de acordo com cada pessoa. Sendo assim, não é o caso de afirmar que a sobriedade da retórica estoica implique necessariamente em discursos frios ou, como menciona, Sarah C. Stroup (2007, p. 27), mais adequados a uma biblioteca. O cerne da questão está no fato dos estoicos procurarem fazer uma exposição da melhor forma possível por meio do discurso: é o desafio de falar de modo veraz, não sendo o objetivo principal a simples vitória em uma disputa jurídica ou política. O comprometimento com a verdade exige muito mais do que o compromisso de advogar em uma causa judicial ou ideológica.

O que Cícero critica no estoicismo é justamente o que causou a inovação estoica no âmbito da retórica: a incorporação das questões dialéticas (cf. GOURINAT, 2000, p. 41). A precisão estoica no discurso proporcionada pelo recurso dialético indica uma preocupação maior do que a persuasão de um determinado público com uma determinada cultura. Embora Cícero tenha criticado a postura dos filósofos da *Stoá*, considerando-a inapta para a oratória política⁷, é importante notar que os estoicos

⁷ Uma crítica de que a filosofia não achava lugar na conciliação de um público amplo também é assinalada por Filodemo em SUDHAUS, *Philodemi Volumina Retórica II*, col. XVIII, 9-20, p. 223 (CRISIPO DE SOLOS, fr. 388).

entendem o ideal político de concórdia (*homónoia*) por uma visão mais ampla, uma vez que se referem à dimensão cósmica do ser humano, dimensão esta que fundamenta o cosmopolitismo, a cidadania universal pautada na comunidade dos seres racionais. Em vista disso, a comunhão pelo *lógos* é o mais importante para os estoicos, visto que, para eles, a razão é o que fundamenta a política para além dos diferentes tipos de *ethos* dos povos (cf. MARCO AURÉLIO, *Meditações*, IV, 4).

Um exemplo mais específico de como a dialética adentra à retórica pode ser encontrado no pensamento do estoico Possidônio. Graças ao testemunho de Quintiliano, temos a notícia de que Possidônio faz uma análise do *status* na retórica à luz da dialética. Na obra *Institutio Oratoria*, Quintiliano afirma que o estoico divide o *status* (*stásis*) em dois gêneros, possuindo cada gênero subdivisões. Esses gêneros são (i) *vox* (linguagem) e (ii) *res* (coisa/fato), e estão diretamente associados à divisão da dialética estoica em *phóné* (significante) e *prágmata* (coisas significadas) (KIDD, 2004, p. 687). Conforme afirma Quintiliano (*Institutio Oratoria*, III, 6, 37-8), esses gêneros se subdividem da seguinte forma:

Quanto à linguagem, ele pensa vir as perguntas: 'Isso tem algum sentido?'; 'Qual é o seu sentido?'; 'Quantos sentidos isso tem?'; 'E de que modo?' Quanto ao fato, ele classifica "conjectura", que diz depender da percepção sensorial; 'qualidade', que é a definição do fato [coisa], que Posidônio denomina de conceitual; e 'relação'. Um resultado dessa classificação é outra divisão em 'escrita' [lei] e 'não escrita'.'.

Como se vê no trecho acima, não é possível caracterizar a retórica estoica como rasa ou pouco elaborada. Apesar de ter-nos chegado uma pequena quantidade de informações sobre os estudos de retórica dos estoicos, ao menos é possível depreender que eles não negligenciaram o assunto, uma vez que um dos grandes legados estoicos parece ter sido o de incorporar a acurácia da dialética à retórica.

5 Considerações Finais

Se, por um lado, a crítica ciceroniana aos estoicos se tornou bem conhecida devido à importância dos escritos do romano para o estudo da retórica, por outro lado, a perspectiva propriamente estoica não se tornou devidamente conhecida em função dos escassos testemunhos que nos chegaram. No entanto, a partir da associação dessas

escassas informações com traços característicos da filosofia do estoicismo, como foi realizado acima, torna-se possível perceber que os estoicos também tinham motivos para sustentar sua ideia de retórica em contraposição à Cícero.

Sendo assim, dada a especificidade do paradigma filosófico estoico, é preciso ter em consideração que a perspectiva deles em relação à retórica não é a mesma do famoso orador romano. Em vista disso, faz-se necessário contextualizar as críticas de Cícero aos estoicos tendo ciência das diferentes propostas de discurso e dos diferentes objetivos pretendidos por ambos.

Referências

ATHERTON, C. Hand over Fist: The Failure of Stoic Rhetoric. *The Classical Quarterly*, New Series, Vol. 38, No. 2, 1988, p. 392-427.

ARNIM, H von. *Stoicorum Veterum Fragmenta*. Leipzig: Teubner, 1903-1905, v. 1-3, 1924, v. 4. (Índices por M. Adler).

AUVRAY-ASSAYAS, C. *Cícero*. Trad. Jane Pessoa. São Paulo: Estação Liberdade, 2018.

CÍCERO. De finibus bonorum et malorum. In: CÍCERO, M. T. *Textos Filosóficos*. Trad. J. A. Segurado e Campos. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2012, p. 245-526.

CICERO. *De Oratore I, II*. Trans. E. W. Sutton & H. Rackham. Loeb, 1967.

CICERÓN. *La Invención Retórica*. Trad. Salvador Nuñez. Madrid: Gredos, 1997.

CÍCERO. *Tópica*. Trad. Tobias Reinhardt. Oxford, 2003.

CRISIPO DE SOLOS. *Testimonios y fragmentos*. Tradução de F. Javier Campos Daroca e Mariano Nava Contreras. Madrid: Gredos, 2006. v. 1 e 2.

DIÓGENES LAÉRCIO. *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres*. Trad. Mário da Gama. Brasília: UNB, 2018.

FREITAS, E. S. Platão, Isócrates e Aristóteles no *De Oratore*, de Cícero. *Itinerários*, Araraquara, n. 45, jul./dez. 2017, p. 103-118.

GILL, C. *The Structured Self in Hellenistic and Roman Thought*. New York: OUP, 2006.

GONZÁLEZ, C. Elocuencia estoica y persuasión ciceroniana: discurso veraz vs discurso inverosímil, *Episteme NS*, v. 31, n. 2, 2011, p. 171-191.

GOURINAT, J-B. *La Dialectique des Stoïciens*. Paris: Vrin, 2000.

IULIUS VICTOR. *Ars Rhetorica*. In: HALM, C. (ed.) *Rhetores Latini Minores*. Leipzig: Teubner, 1863.

KIDD, I. G. *Posidonius: The Commentary (ii)*. Cambridge: CUP, 2004, v. 2.

MARCO AURÉLIO. *Meditações*. In: EPICURO; LUCRÉCIO; CÍCERO; SÊNECA; MARCO AURÉLIO. 3. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1985. Coleção Os Pensadores.

MAY, J. M. *Ciceronian Oratory in Context*. In: MAY, J. M. (ed.). *Brill's Companion to Cicero: Oratory and Rhetoric*. Leiden; Boston; Köln: Brill, 2002, p. 49-70.

NUÑEZ, S. *Introducción*. In: CICERÓN. *La Invención Retórica*. Trad. Salvador Nuñez. Madrid: Gredos, 1997, p. 7-74.

PINTO, M. F. *Retórica e filosofia na formação do pensamento moderno. O que nos faz pensar*, n. 27, maio/2010, p. 59-91.

PLUTARCO. *Vidas Paralelas VIII*. Trad. Carlos Alcalde Martín e Marta González González. Madrid: Gredos, 2010.

REALE, G. *La filosofia di Seneca come terapia dei mali dell'anima*. In: SENECA. *Tutti gli scritti in prosa: dialoghi, trattati e lettere*. Milano: Rusconi, 1994, p. lxxiii-lxxv.

SCHOFIELD, M. *The Syllogisms of Zeno of Citium, Phronesis*, n. 28, 1983, p. 31-58.

STROUP, S. C. *Greek Rhetoric Meets Rome: Expansion, Resistance, and Acculturation*. In: DOMINIK, W.; HALL, J. (ed.). *A Companion to Roman Rhetoric*. Blackwell, 2007, p. 23-37.